

Desejo e política em Deleuze: máquinas codificadora, neoliberal, neofascista e esquizodramática

DESIRE AND POLITICS IN DELEUZE: ENCODING, NEOLIBERAL, NEOFASCIST AND SCHIZODRAMATIC MACHINES

*Domenico Uhng Hur**

RESUMO

O objetivo deste artigo é conhecer como o desejo se agencia às máquinas políticas contemporâneas, para discutir os diferentes circuitos desejanter resultantes. Como método realizamos uma revisão sobre todos os escritos de Gilles Deleuze e Félix Guattari e de alguns prosseguidores de sua obra, como Maurizio Lazzarato e Gregorio Barenblitt. Cartografamos quatro modalidades de máquinas políticas agenciadas ao desejo. A máquina de codificação refere-se ao diagrama de soberania, de captura, do Estado. A máquina neoliberal não atua mais pela codificação dos fluxos desejanter, mas a partir de uma aceleração da produção, na denominada axiomática do capital. A máquina neofascista opera com vetores direcionados à hiperterritorialização em conjuntos de códigos que entram num regime de antiprodução ao que escapa a eles. Já a máquina esquizodramática refere-se a dispositivos que visam a desmontagem das máquinas cerceadoras do desejo, para a produção de novas linhas de fugas e circuitos desejanter.

PALAVRAS-CHAVE: Esquizoanálise; Esquizodrama; Capitalismo; Microfascismos; Psicanálise.

ABSTRACT

The aim of this article is to know how desire is linked to contemporary political machines, to discuss the different desiring circuits. As a method, we carried out a bibliographic review on the writings of Gilles Deleuze and Félix Guattari and of some followers of their work, such as Maurizio Lazzarato and Gregorio Barenblitt. We mapped four modalities of political machines linked to desire. The encoding machine refers to the sovereignty diagram of the State. The neoliberal machine no longer acts by coding the desiring flows, but from an acceleration of production, in the so-called axiomatic of capital. The neofascist machine operates with vectors directed at hyperterritorialization in sets of codes that enter into a regime of anti-production. The schizodramatic machine, on the other hand, refers to devices that aim to dismantle coercive desire machines, for the production of new lines of flight and desiring circuits.

KEYWORDS: Schizoanalysis; Schizodrama; Capitalism; Microfascisms, Psychoanalysis.

* Professor da Universidade Federal de Goiás - UFG, Goiânia/GO – Brasil - CNPq - Processo: 305132/2017-2 - Domenico@ufg.br

Desejo é um dos termos mais abordados na psicologia, na psicanálise e na esquizoanálise. Entretanto é utilizado num misto de senso comum entremeado com questões conceituais. Na atitude natural, e mesmo em alguns textos deleuzianos, desejo pode assumir a significação de querer, de vontade. Mas não só. Na obra esquizoanalítica há a presença de uma definição original sobre o desejo. Diferente da psicanálise estruturalista, o desejo não é restituição de uma falta (DELEUZE & GUATTARI, 1972), não se restringe ao prazer (DELEUZE, 1975; DELEUZE & GUATTARI, 1980), não é uma forma e nem é mera intencionalidade, ou querer, de um indivíduo.

Na esquizoanálise, o desejo não é trabalhado na lógica da negatividade, mas sim no seu potencial afirmativo, produtor, criador, múltiplo (DELEUZE & GUATTARI, 1972; DELEUZE, 1962, 1968). É apreendido muito mais como um processo, um funcionamento, e não como um ente, uma substância. Nesse sentido, o desejo é visto como uma propagação de fluxos, de linhas, que produzem conexões. Sua propagação abre passagens, produz sistemas, faz circuitos, enfim, constitui máquinas e agenciamentos.

No entanto, o desejo produz diversos tipos de agenciamentos, muitas vezes díspares entre si, como por exemplo a máquina estatal, a máquina capitalista, ou mesmo a máquina neofascista. Dessa forma, nosso objetivo é conhecer como o desejo se agencia às distintas máquinas políticas contemporâneas, para discutir os diferentes circuitos desejantes resultantes. Visamos investigar como o desejo constitui e é constituído pe-

las diferentes máquinas, buscando cartografar os distintos agenciamentos em voga.

Nosso método partiu de uma investigação sobre toda obra de Gilles Deleuze e Félix Guattari e escritos de alguns prosseguidores de sua obra, como Maurizio Lazzarato e Gregorio Barenblitt. Selecionamos algumas passagens que consideramos significativas acerca da discussão esquizoanalítica sobre o desejo e as configurações de forças relacionadas a ele. Evidentemente não discutimos todas as passagens em que há uma discussão sobre o desejo, pois seria uma tarefa que excederia o intuito desse artigo. Para a reflexão sobre a relação entre o desejo e suas máquinas políticas, estabelecemos algumas conexões e considerações a partir do referencial teórico adotado.

Desejo e máquina

Deleuze e Guattari afirmam que o desejo não se restringe a um indivíduo, à pessoalidade e nem a um objeto. “O desejo não tem pessoas ou coisas como objeto, mas meios inteiros que ele percorre, vibrações e fluxos de qualquer natureza que ele esposa, introduzindo cortes, capturas, desejo sempre nômade e migrante (...)” (1972, p. 386). Não é posse de alguém, de um ente, ou somente de algum estrato. “O desejo é o que anima um processo que não é próprio de uma instância, sistema ou território do sujeito, senão da realidade mesma e de sua realização” (BAREMBLITT, 1998, p. 85), enfim é um processo. Podemos figurá-lo como uma força que agencia e é agenciada por diferentes componentes. Uma força que pode

assumir diversos vetores direcionais e que forma distintas configurações. Portanto, o desejo é um agenciamento coletivo, no qual o indivíduo é apenas um ponto, ou uma resultante, de suas conexões.

Como supracitado, o desejo não é a restituição de uma falta mítica originária. Diferente do que é sustentado na psicanálise, o inconsciente desejante, ao invés de expressar um teatro representacional, familiar, funciona muito mais como uma fábrica, uma usina, que propaga fluxos produtivos (DELEUZE & GUATTARI, 1980). Não é carência, nem falta e não se constitui pela fixação em imagens ideais e na representação.

É verdade que o inconsciente deseja e só faz desejar. Mas, ao mesmo tempo que o desejo encontra o princípio de sua diferença com relação à necessidade no objeto virtual, ele aparece não como uma potência de negação, nem como elemento de uma oposição, mas sobretudo como uma força de procura, uma força questionante e problematizante que se desenvolve num outro campo que não o da necessidade e da satisfação (DELEUZE, 1968, p. 158).

O desejo enquanto uma força não atua na lógica da negatividade, senão na expressão de positivities e multiplicidades. “A produção desejante é uma multiplicidade pura” (DELEUZE & GUATTARI, 1972, p. 62). O desejo não é prazer, nem festa, constitui-se como um fluxo polívoco, “e sua polivocidade faz dele um único e mesmo desejo que banha tudo” (DELEUZE & GUATTARI, 1975, p. 85). É um fluxo, um turbilhão de emissão de partículas e ondas. “Somente os fluxos constituem a objetividade do próprio desejo (...), o desejo é o sistema de signos a-significantes, a partir dos quais produzem-se fluxos de inconsciente num campo so-

cial histórico” (DELEUZE, 1973, p. 85). Nesse sentido, o desejo expressa muito mais o excesso, o transbordamento, do que a falta. Por conseguinte, Baremlitt (1998) compreende que no Anti-Édipo, Deleuze & Guattari (1972) inserem o desejo na produção e a produção no desejo, havendo uma imanência e consubstancialidade aos dois processos.

Em sua propagação, o fluxo desejanete liga, passa por pontos distintos, criando conexões, passagens. Ele “nunca deve ser considerado isoladamente” (DELEUZE & PARNET, 1977, p. 135). O desejo só existe agenciado em várias linhas, na coexistência de diversos níveis. Essas conexões agenciam diversos elementos que constituem engrenagens, sistemas, máquinas. Há uma produção de agenciamentos singulares (DELEUZE & GUATTARI, 1975), resultantes dos vetores de configurações de forças. O desejo é um processo, que em sua difusão produz o seu próprio plano de consistência:

(...) un campo de imanencia, un cuerpo sin órganos, como decía Artaud, recorrido por partículas y flujos que se escapan tanto de los objetos como de los sujetos... el deseo no es, pues, interior a un sujeto, ni tampoco tiende hacia un objeto: es estrictamente immanente a un plano al que no preexiste, a un plano que es necesario construir, y en el que las partículas se emiten y los flujos se conjugan (DELEUZE & PARNET, 1977, p. 101-102).

Nesse sentido, a propagação desejanete produz suas próprias linhas e um plano que não preexiste ao seu tracejar. É navegando que se produz a rota, nomadizando que se produzem os caminhos. “Existe agenciamiento de deseo cada vez que se producen, en un campo de imanencia o plano de

consistencia, continuos de intensidades, conjugaciones de flujos, emisiones de partículas a velocidades variables” (DELEUZE & PARNET, 1977, p. 110). Nesta produção, o desejo supõe vazios e desertos, mas que no seu traçar vão se povoando, territórios que são demarcados e vão sendo ocupados. O vazio não é falta, ou negatividade, pois vazio e cheio são positivities que se diferenciam pelos seus graus de intensidade: “el vacío y el lleno son como los dos umbrales de intensidad (...)” (DELEUZE & PARNET, 1977, p. 124).

Então, o desejo e seus circuitos são vistos como indissociáveis. “Sendo um agenciamento, o desejo constitui unidade estrita com as engrenagens e as peças da máquina, com o poder da máquina” (DELEUZE & GUATTARI, 1975, p. 83). Estas engrenagens ligam o desejo ao campo social, bem como aos objetos, formando máquinas. “O desejo e o seu objeto constituem uma só e mesma coisa: a máquina, enquanto máquina de máquina” (DELEUZE & GUATTARI, 1972, p. 43). Máquinas que ao funcionarem se desmontam, produzindo fluxos e engrenagens, inclusive novas máquinas, outras fronteiras, outros limiares de intensidade.

Isso porque a máquina é desejo, não que o desejo seja desejo da máquina, mas porque o desejo não deixa de formar máquina na máquina, e de constituir uma nova engrenagem ao lado da engrenagem precedente, indefinidamente, mesmo que essas engrenagens tenham ar de se oporem, ou de funcionarem de maneira discordante. O que forma máquina, para falar claramente, são as conexões, todas as conexões que conduzem à desmontagem (DELEUZE & GUATTARI, 1975, p. 119).

As máquinas desejantes são polívocas, isto é, não há sobredeterminação de uma modalidade de fluxo sobre outra. A própria sexualidade é apenas mais um fluxo entre outros. Não se supõe uma sublimação idealizante, como na psicanálise, que geraria outros fluxos (por exemplo, a arte, o trabalho, a cultura), senão uma interpenetração entre eles. Para afastar-se do viés psicanalítico do desejo, Deleuze e Guattari, abandonam posteriormente o termo máquinas desejantes e preferem trabalhar com a proposição de agenciamentos maquínicos desejantes (DELEUZE & PARNET, 1977).

Vale destacar que a máquina não é mecânica, nem orgânica. É um circuito de desejo, conjunto de vizinhança homem-ferramenta-animal-coisa, entre termos heterogêneos independentes. Sistema de propulsão e corte do fluxo, o qual também se torna máquina. É ela que proporciona um co-funcionamento entre os distintos elementos, sendo “anterior respecto a ellos, puesto que es la línea abstracta que los atraviesa y los hace funcionar juntos” (DELEUZE & PARNET, 1977, p. 118). Portanto, na operação de um agenciamento maquínico há “el desplazamiento de un centro de gravedad sobre una línea abstracta” (DELEUZE & PARNET, 1977, p. 117).

Dessa forma, o agenciamento desejante produz e circula por distintos tipos de máquinas abstratas, virtuais, que podem se atualizar em máquinas concretas, em máquinas técnicas. Deleuze e Guattari (1972) ressaltam que tal circulação pode orbitar entre dois polos coexistentes, o paranoico e o esquizo. Disso, resulta que:

(...) por um lado, vai estar preso em tal segmento, tal escritório, tal máquina ou tal estado de máquina, vai estar ligado a tal forma de conteúdo, cristalizado em tal forma de expressão (desejo capitalista, desejo fascista, desejo burocrático, etc.). *Por outro lado e ao mesmo tempo*, vai passar por toda a linha, arrebatado por uma expressão liberada, arrebatando conteúdos deformados, atingindo o ilimitado do campo de imanência ou de justiça, encontrando uma saída (DELEUZE & GUATTARI, 1975, p. 88).

Então, ao mesmo tempo em que o desejo pode se fixar em máquinas que constituem sistemas fechados, formas, que o represam, ele pode propagar-se enquanto desejo livre, na produção de devires e acontecimentos, de um corpo sem órgãos. Portanto, no agenciamento há uma coexistência entre os lados territoriais e os picos de desterritorialização (DELEUZE & GUATTARI, 1980, HUR, 2012), num desejo que é rebatido, mas também erguido (DELEUZE & GUATTARI, 1975).

Entre os diversos tipos de diagramas de forças existentes, selecionamos o funcionamento de quatro modalidades de máquinas que agenciam o desejo: codificadora, neoliberal, neofascista e esquizodramática. Não buscamos fazer sua genealogia, ou sua História Universal (DELEUZE & GUATTARI, 1972; HUR, 2015, 2018), senão discutir seus acoplamentos e modalidades de operação.

Máquina de codificação

As máquinas sociais sempre buscaram “codificar os fluxos do desejo, inscrevê-los, registrá-los, fazer com que nenhum fluxo corra sem

ser tamponado, canalizado, regulado” (DELEUZE & GUATTARI, 1972, p. 51). Essa codificação ocorre a partir de um processo de inscrição do fluxo desejante em determinados símbolos, significantes, enfim códigos. Se há duas séries distintas (série A - fluxo desejante; série B - códigos instituídos), a máquina social busca sempre tomar a série A e traduzi-la, reduzi-la, à série B. Por conseguinte, a multiplicidade é reduzida à estrutura, a coisa ao significante, o inconsciente à linguagem. Assim, as máquinas sociais são a atualização de circuitos desejantes codificados, os quais formam sistemas fechados, em que o desejo deve circular. Então, seja na máquina territorial primitiva, na máquina imperial despótica (DELEUZE & GUATTARI, 1972), ou no diagrama disciplinar (FOUCAULT, 1975; DELEUZE, 1986), o desejo é codificado, formatado, reduzido em sínteses conjuntivas exclusivas. Sejam nos ritos da tribo, nos imperativos do soberano, ou nos saberes e normas disciplinares.

Deste modo, no diagrama da soberania, o desejo forma circuito com a lógica imperial, no disciplinar, o desejo é canalizado pelas normas, como por exemplo a sexualidade que é represada na heterossexualidade, o considerado “normal”, e o que se desvia à regra é visto como desviante, “a-normal”. Opera-se numa lógica dicotômica da negatividade, na qual o que se adapta à norma é positivado, e que escapa é negativado. Então, na lógica disciplinar os fluxos sexuais devem ser propagados dentro do sistema desejante patriarcal e heteronormativo, e os que fogem a isso, devem ser reduzidos, arrebatados, ou suprimidos. Constata-se assim que as organizações de formas incapacitam o desejo, submetem-no ao negativo, à carência, à lei (DELEUZE & PARNET, 1977). Portanto há um paradoxo

do desejo, que é vivido na sua propagação, fruição, mas também no seu enclausuramento, com seus processos de entropia. O código ao mesmo tempo forma um diagrama de referência, mas também um significante despótico que captura toda a cadeia. Devido a essa segunda função é que pode haver uma prevalência dos circuitos desejantes regidos por forças reativas, por um desejo que busca se fixar, e à sua própria repressão. Vale destacar que são os circuitos desejantes que formam as configurações vinculares, e sua estratificação é o que nos mantém presos ao Édipo.

A própria psicanálise é um saber e técnica disciplinares que cria um registro de tradutibilidade do desejo. Longe de ser uma prática revolucionária e insurgente, Deleuze e Guattari (1972) nos mostram como é uma correia de transmissão do poder do Estado e inclusive da lógica capitalista. Nesse sentido, Deleuze (1973) realiza dura crítica à psicanálise, enquanto uma máquina disciplinar que “impede toda produção de desejo” (p. 83), pois sempre tenta reduzi-lo, formatá-lo, a imagens pressupostas. “A psicanálise interrompe e deprecia todas as conexões, todos os agenciamentos: é a sua vocação, ela odeia o desejo, odeia a política. Produção de inconsciente = expressão de desejos = formação de enunciados = substância ou matéria de intensidades” (p. 85). Então, a psicanálise trata de reduzir o fluxo intensivo e polívoco do desejo à lógica da castração e do Édipo, a qual, ao invés de libertar o desejo, o esmaga (DELEUZE & GUATTARI, 1972). A verdade do desejo para essa disciplina seria a castração e o Édipo (DELEUZE & PARNET, 1977). E mesmo o método da associação livre e a consigna da produção de enunciação na psicanálise são criticados:

A psicanálise impede a formação de enunciados (...). Os fluxos de desejo são esmagados pela dominação de um sistema imperialista significante; eles são desviados para um mundo de representação mental onde as intensidades sucumbem e as conexões se desfazem” (DELEUZE, 1973, p. 86).

A psicanálise é considerada como uma modalidade de expressão que impede as pessoas de falarem, pois opera com “enunciados coletivos estereotipados, do tipo Édipo” (DELEUZE, 1973, p. 88). Pois ela possui uma máquina de interpretação, uma máquina de subjetivação e tradução ao mesmo, a qual proporciona um significante ao sintoma (DELEUZE & PARNET, 1977). Aqui a codificação de uma série sobre outra novamente aparece. Os enunciados “produzidos” são apenas o que a semântica psicanalítica permite, deixando de fora tudo que não esteja consignado por ela. Se a pessoa delira raças, mundos, cosmos, a máquina de tradutibilidade psicanalítica converte tais conteúdos ao Édipo, à castração, à lei. Todos os agenciamentos são sobrecodificados “para someter los deseos a las cadenas significantes y los enunciados a las instancias subjetivas que los adaptan a las exigencias de un orden establecido” (DELEUZE & PARNET, 1977, p. 101). Se o desejo livre opera uma pulsação de vetores centrífugos, para o fora, a psicanálise, tal como toda máquina codificadora, instaura um circuito desejante fechado, com vetores centrípetos, conforme visibilizado na figura 1.

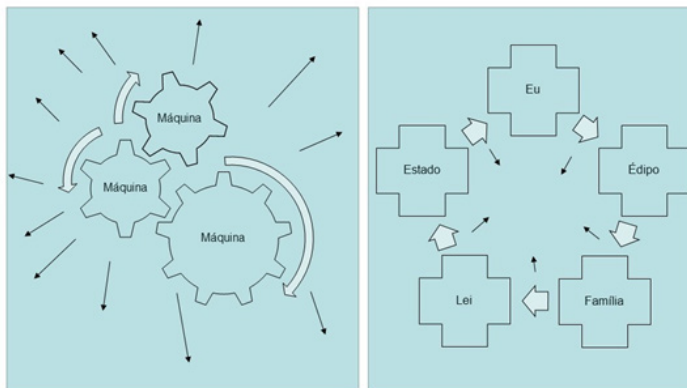


Figura 1: Dos agenciamentos desejanates à codificação do circuito desejanate.

Vale destacar que o Édipo não é a figura constituinte que irá determinar todo o real, pois ele mesmo é um constructo resultante da lógica estatal no âmbito familiar. “Em resumo, não é Édipo que produz a neurose, é a neurose, isto é, o *desejo já submetido e procurando submeter sua própria submissão*, que produz Édipo. Édipo, valor mercantil da neurose” (DELEUZE & GUATTARI, 1975, p. 17). Assim, família e Édipo atualizam o diagrama de forças do Estado. São máquinas concretas, formações sociais e psíquicas, que assumem uma função de aparelho de captura estatal (DELEUZE & GUATTARI, 1980) no âmbito local, de colonização e codificação psíquica. Por pautar-se na ordem e na hierarquia instituída, a psicanálise não leva em conta os agenciamentos, a geografia dos deslocamentos, mas apenas a história que legitima a lei. Por isso que para Deleuze (1973), “A psicanálise é um assassinato de almas” (p. 89), pois incute a

carência, a falta e a lei no desejo, em que os psicanalistas ensinam a resignação infinita, sendo os últimos padres (DELEUZE & PARNET, 1977).

Portanto, a psicanálise atua no mesmo sistema de sobrecodificação do Estado, mas com uma semântica disciplinar, somada a uma aura de iniciação, como uma parábola, mesclada à ciência. Na sessão de análise as pessoas têm que se “autodescobrir”, mas a partir de uma configuração de forças do Estado, com suas hierarquias, leis e normalizações, encobertas por um discurso “acadêmico-científico”. Assim, descobrem o agenciamento maquínico desejanter estatal que reverbera em seus corpos, mas achando que é o seu segredo, sua essência, sua intimidade. Naturalizam o Estado e a hierarquia como desejo e como processo de subjetivação. Acatam as normas, as disciplinas, os regimes de sujeição e servidão, e aprendem a desejar-los e legitimá-los. Encontram assim o diagrama da soberania, mas não o franqueiam para novos circuitos desejanter, mais flexíveis, menos capturantes. “Édipo é sempre a colonização continuada por outros meios, é a colônia interior (...)” (DELEUZE & GUATTARI, 1972, p. 226).

Nesse caso não vemos o desejo pelo Estado, mas o Estado como desejo. Um circuito desejanter que estabelece o represamento do desejo, sua repressão. “Desejo do Estado, a mais fantástica máquina de repressão é ainda desejo, sujeito que deseja e objeto de desejo” (DELEUZE & GUATTARI, 1972, p. 294). A hierarquia, a diferenciação entre estratos e a dominação sobre o outro como desejo. Ou mesmo, a burocracia como desejo, o poder como desejo, a justiça como desejo. Operações de sobre-codificação que não são exercidas somente pelo Estado, mas atualizadas

capilarmente pelas instituições sociais, pela família e por nós mesmos sobre os outros ou até mesmo sobre nós próprios. Um circuito desejan- te de forças centrípetas que opera como um mecanismo eficaz de captura e colonização desejan- te.

Entretanto a transição de diagramas de forças, das máquinas abs- tratas, trouxe novos circuitos desejan- tes que não se restringem apenas na sua fixação e codificação, mas na circulação num campo aberto, imaterial.

Máquina neoliberal

A máquina neoliberal instaura um novo circuito desejan- te que não se pauta na codificação. Atua num novo processo, não na inscrição, nem na sobrecodificação de uma série sobre outra. Mas por uma operação que descodifica os fluxos desejan- tes fixos aos sistemas. Contudo não há uma desterritorialização que torna o desejo livre, energia não ligada, linha de fuga. Senão uma modulação dos fluxos desejan- tes descodificados a partir do funcionamento do diagrama capitalista, o qual recebe o nome de axiomática do capital (DELEUZE & GUATTARI, 1972). Nesse sentido, ocorre um movimento duplo e concomitante: descodificação e axiomati- zação dos fluxos desejan- tes. Esse segundo movimento não corresponde à formatação, à fixação do desejo num circuito fechado. Opera por sua mo- dulação no campo aberto, a partir da lógica do diagrama capitalista. Por- tanto, como o capitalismo busca sempre o maior rendimento em qualquer instância, resulta-se uma aceleração da frequência de rotação, da emissão de partículas e ondulação, em todos os processos e máquinas técnicas. O

circuito desejante da máquina capitalista ressoa um modo de funcionamento que está relacionado a uma aceleração generalizada, sempre direcionado à produção de riqueza, que devém subjetiva (DELEUZE, 1979): há a constituição de um diagrama de rendimento (HUR, 2018). Deve-se destacar que a aceleração da rotação não chega a ser centrífuga, pois os fluxos desejantes não se dirigem a um fora, propagando-se caoticamente às bordas. Há uma modulação que faz com que haja uma propagação semicentrífuga, que orbita a partir de uma difusão concêntrica, a partir de seus polos de emissão, seguindo o mesmo funcionamento. Dessa forma, o desejo não é incitado a se propagar nomadicamente, tampouco a constituir circuitos fechados, senão a uma hipertrofia de sua circulação em estados móveis e flutuantes, nunca livres, mas sempre buscando ampliar suas fronteiras.

Entretanto as pessoas acreditam que vivem num período de liberdade, progressista em relação aos diagramas anteriores. Por estarem fora do muro das instituições, não estarem prioritariamente regidas pelas normas, positivam o neoliberalismo e suas ideologias justificadoras. Seus fluxos desejantes fazem circuito com essa máquina, não estando mais represados pelas normas disciplinares, mas incitadas ao máximo em sua operação de rotação e aceleração. Contudo, não numa livre e anárquica fruição, mas numa aceleração da produção. O desejo não é mais bloqueado, mas incessantemente incitado, estimulado a correr e produzir mais conexões. Há assim uma composição entre forças reativas e ativas, moduladas pela axiomática do capital. Tal agenciamento desejante faz com

que essa máquina política seja muito mais legitimada que as anteriores, havendo o declínio dos grandes estratos, como por exemplo, das instituições concretas, e inclusive do socialismo. Vale ressaltar que o socialismo, como o comunismo, não conseguiu criar um agenciamento desejante alternativo ao capitalismo, e nessa tentativa chegou inclusive ao ponto de restaurar a máquina de captura do diagrama da soberania.

No diagrama de rendimento os fluxos desejantes são modulados por uma lógica quantitativa de mais-produção que tem como correlata a financeirização, tornando a governamentalidade imaterial, molecular e impessoal. Constitui-se assim a máquina capitalista como desejo de hipertrofia da produção.

A abstração financeira se funda na operação impessoal dos automatismos. Ninguém toma decisões pois uma cadeia lógico-matemática substituiu toda decisão e os algoritmos do capital se tornaram independentes da vontade individual daqueles que os criaram e daqueles que os utilizam (BIFO citado por LAZZARATO¹, 2019, p. 134).

Frequentemente pode haver uma fixação em novos conjuntos de códigos, mas sempre se mantém este funcionamento pela aceleração. Por isso que estes repertórios de códigos podem ser substituídos por outros que se mostrem mais eficazes, ou rentáveis. Por exemplo, no âmbito religioso, o neopentecostalismo substituiu o pentecostalismo, por intensificar e atualizar diretamente a axiomática do capital.

Deste modo, os códigos permanecem enquanto circuitos dese-

¹ Franco Berardi Bifo. Malinche e l'automa. *Alfabeta* 2, 2018. Destacamos que nessa citação, Lazzarato critica Bifo como despolitizado.

jantes, mas perdem sua primazia para uma nova modalidade de circuito imaterial, que pode se atualizar como aceleração em qualquer instância. Através “(...) do impulso de segmentos sempre novos e cada vez mais duros, será acelerada essa rapidez de segmentaridade, essa rapidez de produção segmentar, serão precipitadas as séries segmentarizadas, serão acrescentadas” (DELEUZE & GUATTARI, 1975, p. 87). Por isso que os regimes de códigos assumidos se constituem como territórios provisórios, constantemente substituídos por outros, permanecendo o funcionamento de aceleração, ou mesmo de agarramento momentâneo.

Entretanto, esse funcionamento que opera através da aceleração incessante e infinita entra em colapso, provocando o seu contrário: a crise da máquina e da subjetividade capitalista. No diagrama imperial havia o trabalhador escravo, já no capitalismo há um trabalhador livre que com sua aceleração da produção almeja constituir uma nova soberania, inalcançável. Ao invés de riqueza, alcança o endividamento (LAZZARATO, 2013), em vez da felicidade, depressão em não atingir os ideais esperados. Ao invés da potência, cansaço. Dessa forma há uma desagregação e remanejamento da máquina capitalista para uma configuração desejante um tanto bizarra e mortífera: a máquina neofascista.

Máquina neofascista

Os fluxos desejantes em colapso, não recompensados, esgotados, endividados, sofrem uma reversão do vetor da força. O que se apresentava como forças ativas e reativas tornam-se somente reatividade e ressentimento.

mento. Os fluxos desejan-tes continuam a correr no circuito neoliberal de hiperprodução, mas não mais com a expectativa de produção de riqueza e felicidade para uma fruição, senão com um amargor, um desencantamento, um pessimismo, no qual apenas importa sobreviver. Como forma de continência assumem vetores direcionados aos novos códigos, que funcionam como suporte à vertigem do real e do esgotamento, gerando uma espécie de hiperterritorialização em novos segmentos.

A insegurança e o medo ativam um sistema de vigilância que se converte em um sistema de repulsão, de rechaço, ao outro que não está posicionado em seu mesmo código. Nessa “luta” pela sobrevivência, o outro se torna cada vez mais inimigo, pois pode ameaçar seu emprego, suas configurações identitárias, suas crenças. Nesse sentido o desejo assume uma configuração imunitária, em que busca destruir a parte que pode danificar o todo, atacar os “corpos estranhos” que possam desagregar o corpo coletivo integral. Configura-se em segmentarizações que pregam pelo extermínio e destruição da diferença, pautando-se na lógica do antagonismo.

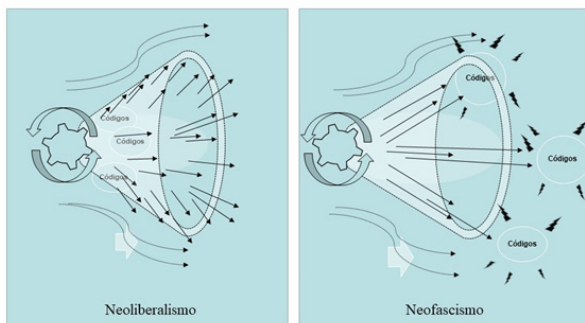


Figura 2: Axiômática do capital nos dois momentos.

Este funcionamento ressoa a partir de um desejo reativo, das ondas de ressentimento, mobilizados pelo ódio. Há uma reterritorialização desejanste em crenças e valores que mantêm o outro como inimigo a ser rechaçado, ou mesmo, aniquilado, quaisquer que sejam. Erige-se uma biopolítica racial calcada na segmentarização e na lógica do negativo. Este circuito desejanste resulta em: autoritarismos, lógicas excludentes, tendência à dominação, afirmação de si, rechaço e tentativa de destruição das diferenças. Está agenciado pelo polo paranoico da máquina psíquica.

É como se houvesse o crescimento de um nódulo que visasse combater parte de seu próprio corpo, como o sistema imunológico que passa a atacar parte do próprio organismo. Um tumor que cresce rizomaticamente numa atividade antiprodutiva, formando cancros microfascistas. Um circuito desejanste que se atualiza na hierarquia de raças, étnica, de sexo-gênero, de classes sociais, de religião, culturais, de valores da moral, ou seja nos racismos, machismos e fundamentalismos de todas as espécies. “Os novos fascismos se limitam a reforçar as hierarquias de raça, sexo e de classe, pois a estratégia política continua sendo neoliberal” (LAZZARATO, 2019, p. 50).

Mantém-se a aceleração do trabalho, mas não com a primazia de produção da riqueza, senão de manutenção da sobrevivência e para combater o outro. “A mutação do fascismo que se produziu com o neoliberalismo é sinônimo de uma ulterior transformação da guerra contra a população (...)” (LAZZARATO, 2019, p. 71). Portanto, este funcionamento mantém a gestão neoliberal da vida, ou mesmo a radicaliza, e no âmbito

macropolítico, o neofascismo figura como uma estratégia governamental neoliberal.

As segmentarizações têm como finalidade proporcionar um governo sobre a vida e a dominação das heterogeneidades. Por exemplo, Lazzarato (2019) afirma que o poder racista tem como finalidade produzir sujeições. Assim, o racismo figura como estratégia, arma governamental de um grupo sobre outro. A raça “persiste como técnica de divisão, de segregação, de inferiorização. O ‘racismo sem raça’ continua produzindo seus efeitos políticos, bélicos e militares” (LAZZARATO, 2019, p. 88).

Portanto, os neofascismos contemporâneos são uma forma mais contundente e agressiva de gestão desejanete para a manutenção da rotação das engrenagens capitalistas. Não se referem a um novo diagrama de forças, mas sim a sua intensificação e sua auto-abolição. Se a retórica neoliberal não convence e persuade mais a razão coletiva e individual, deve-se gerir o desejo para que se mantenha a adesão ao neoliberalismo, mesmo que de forma não consciente. Essa gestão do desejo e dos afetos se pauta na cultura da insegurança, da ansiedade, da incerteza em relação ao futuro e do medo da diferença. O desejo pela destruição da diferença que me ameaça.

As segmentarizações, os racismos de diversas espécies, tornaram-se os marcadores das diferenças, os indicadores das alteridades que devem ser atacadas, ou seja, os bode-expiatórios da governamentalidade neofascista. “O racismo tornou-se assim a modalidade principal de gestão estratégica da guerra contra a população” (LAZZARATO, 2019, p.

116). Racismo, sexismo, nacionalismo, divisão e ódio de classes aparecem como estratégias de controle. Os grupos minoritários, pretos, indígenas, mulheres, pobres, LGBTQI+, aparecem assim como o receptáculo da hostilidade, do ressentimento e do nihilismo característicos do circuito desejanste neofascista. Desejo de abolição do outro, que se converte em má-consciência (DELEUZE, 1962), linha de fuga auto-abolicionista e de ódio pela vida, que se atualiza numa guerra contra a própria população, em detrimento da continuidade da propagação dos fluxos capitalistas. Neofascismo = Neoliberalismo em sua intensificação necropolítica.

Máquina esquizodramática

A máquina esquizodramática, diferente das máquinas políticas anteriores, não é majoritária, nem um sistema instituído de gestão da vida. É minoritária e tem como finalidade criar dispositivos e saberes que possam desterritorializar os circuitos desejanstes antiprodutivos, coercitivos, hipertrofiados e esgotados. Por isso que a citamos neste artigo, como uma máquina que pode produzir outros circuitos desejanstes possíveis. O esquizodrama atualiza e performatiza uma série de conceitos e máquinas da esquizoanálise, bem como suas tarefas destrutiva e positivas: de raspar os estratos bloqueadores e coercitivos, alcançar o funcionamento das máquinas e fluxos desejanstes, conectando-os ao campo social e a outras máquinas (DELEUZE & GUATTARI, 1972; BAREMBLITT, 1998).

Dessa forma, elabora uma diversidade de clínicas² (BAREM-

² Uma discussão maior sobre o esquizodrama e da clínica com “k” pode ser encontrada

BLITT, 2019) que visam transformar as forças reativas em ativas, desconectar os circuitos desejantes instituídos, eliciar linhas de fugas e novos sendeiros para a produção de novos fluxos e territórios possíveis. Por isso busca “analisar a natureza específica dos investimentos libidinais do econômico e do político, e assim mostrar como o desejo pode ser determinado a desejar sua própria repressão no sujeito que deseja” (DELEUZE & GUATTARI, 1972, p. 143). Cartografa os agenciamentos e diagramas para desmontá-los e fazer fluir as linhas de fuga e as forças ativas e desejantes.

Visa assim libertar o desejo de circuitos despotencializadores. Elevá-lo ao seu potencial de questionar a ordem estabelecida e de devir revolucionário (DELEUZE & GUATTARI, 1972). Eliciar linhas de fuga, produzir inconsciente, multiplicidades, ou seja, criar blocos de infância, de devir-criança, de n devires, e não apenas uma linha cronológica sucessória, estriada e significativa da rememoração. Fazer assim com que as pessoas possam vibrar sobre o que passa sobre elas, os “contínuos de intensidad, bloques de devenir, emisiones de partículas, conjugaciones de flujos” (DELEUZE & PARNET, 1977, p. 119). Fazer com que surfem, deslizem, sobre “(...) una zona de intensidad o de flujo común a nuestra empresa (...)” (DELEUZE & PARNET, 1977, p. 126). Nessa jornada, “as séries se tornam intensivas, a viagem se revela em intensidade, o mapa é um mapa de intensidades, e as barreiras móveis são “Limiares” (*blocos de intensidad*)” (DELEUZE & GUATTARI, 1975, p. 114)

em Baremlitt (1998, 2014, 2019), Baremlitt, Amorim & Hur (2020) e Hur (2014). Destaca-se que o leitor encontrará neste tópico muitas similaridades entre esquizoanálise e esquizodrama, as quais são intencionais.

Vale destacar que a produção de uma linha de fuga não é mero escape, ou metáfora, mas sim a desmontagem de um circuito enclausurado para a produção de novos circuitos desejantes possíveis. É a produção de devires e mapas de intensidade, agitação das partículas (longitude), das intensidades e graus de força (latitude). Tentativa de aceder à produção de um corpo sem órgãos (DELEUZE & GUATTARI, 1980), intensivo, que escape das linhas estriadas dos corpos cheios, dos diagramas instituídos, para a produção de novos possíveis.

Consideramos que no esquizodrama Gregorio Baremlitt opera também com o método da transdução, no qual trata de “embaralhar” diversos registros semióticos, fomentando as produções mais insólitas e transformações. Nas palavras de Deleuze e Parnet (1977) este processo pode ser visto como um regime de signos se transforma em outro, mas não apenas “como se mezclan las semióticas, sino también como surgen y se crean otras nuevas, o cómo las máquinas abstractas son capaces de producir mutaciones que inspiran nuevos agenciamientos” (p. 128).

Esta transdução e embaralhamento podem ser eliciados com experimentações de produção de devires-animais, devir-criança, devir n-se-xos etc. Trata-se de fomentar processos de desterritorialização e difusão de fluxos que atinjam novas configurações de circuitos desejantes, numa molecularização dos processos que produzam novas engrenagens e novas máquinas. Metamorfose, transmutação, dobra da força e do desejo.

Neste processo, Baremlitt também se utiliza dos processos de multiplicação (BAREMLITT, AMORIM & HUR, 2020), visando com

que as lógicas identitárias e dicotomizadas possam fazer uma transição e abertura às forças e variação contínua das multiplicidades. Um Eu que se pluralize em suas n máquinas e traços, que deixe de ser apenas codificado pela máquina estatal, ou acelerado pela máquina capitalista, ou instigado a odiar e hostilizar pela máquina neofascista. Seus fluxos desejantes são incitados a se propagar conforme o fluxo múltiplo da duração, no qual se depara não apenas com a máxima de Rimbaud de que o *Eu é um outro*, senão que o Eu é uma matilha de outros humanos e não-humanos, orgânicos e inorgânicos, materiais e imateriais, atuais e virtuais. Por isso é tarefa da esquizoanálise e do esquizodrama:

partir dos enunciados pessoais de alguém e descobrir sua verdadeira produção, que nunca é realizada por um sujeito, mas sempre por agenciamentos maquínicos do desejo e por agenciamentos coletivos de enunciação que o atravessam e nele circulam, escavando aqui, sendo bloqueados ali, sempre sob a forma de multiplicidades, de bandos, de massas com unidade de ordens diferentes que o frequentam, que o povoam (...). Não existe sujeito de enunciação, existem somente agenciamentos produtores de enunciados” (DELEUZE, 1973, p. 88).

Dessa forma, as clínicas esquizodramáticas são apreendidas como a arte da produção de encontros, diferenças e desvios, como a “(...) arte de las declinaciones” (DELEUZE & PARNET, 1977 p. 134), que produzem hecidades, acontecimentos (BAREMBLITT, 1998, 2019). Não uma clínica do olhar, nem da escuta, senão uma clínica das intensidades. Fruição desejante que sempre é articulada à produção de um campo, sempre é propagação de força. “Aunque sea individual, la construcción del plano es una política, implica necesariamente un colectivo, agenciamientos

colectivos, un conjunto de devenires sociales” (DELEUZE & PARNET, 1977, p. 103).

Portanto, os desafios que enfrentamos, os bloqueios e modulações desejantes não devem ser vividos apenas no âmbito individual, mas também no da luta política. A luta anticolonial, antirracista, não deve ser apenas uma luta pela inclusão, pelo reconhecimento social, mas sobretudo uma luta antifascista, anticapitalista e anti-Estado, na desconstrução desses circuitos desejantes instituídos, para a produção de outros. Não deve ser experimentada apenas pelo sofrimento e padecimento individual, mas sobretudo como um processo de captura e sujeição social coletivos que visam a manutenção do diagrama neoliberal e das relações de dominação instituídas. Então a raspagem desejante “individual” que pode ser vivida na clínica esquizodramática sempre deve ser articulada a uma luta política contra a dominação e a sujeição, em seus mais variados diagramas de poder. Atualizar o desejo instituinte, um devir-revolucionário, a vontade de potência, contra os estratos coercitivos que apenas visam empobrecer a vida, sempre num ziguezague entre molecularidade e molaridade.

Considerações finais

Nesse artigo buscamos discutir as relações entre o desejo e suas máquinas políticas constituídas. Constatamos que na obra esquizoanalítica o desejo é inseparável das conexões, dos circuitos e das máquinas que constitui. Cartografamos quatro modalidades de máquinas políticas agenciadas ao desejo e que produzem circuitos desejantes distintos: a

máquina de codificação, a neoliberal, a neofascista e a esquizodramática. A primeira refere-se ao diagrama de soberania, de captura, do Estado. Agencia o desejo em circuitos fechados e codificados, tal como as leis e normas. Também se atualiza em saberes e práticas disciplinares, como a psicanálise. A segunda, neoliberal, não atua mais pela codificação dos fluxos desejantes, mas sim a partir de uma incitação para a aceleração da produção, que conjuga descodificação e modulação dos fluxos desejantes, na denominada axiomática do capital. A terceira, neofascista, mantém o diagrama de forças anterior, mas opera com vetores desejantes direcionados a uma hiperterritorialização em conjuntos de códigos. Fluxos desejantes que entram num regime de antiprodução ao que escapa a estes códigos. No âmbito macropolítico estas segmentarizações, bem como o racismo, tornam-se ferramentas de dominação e de governo sobre a população. Já a última, esquizodramática, refere-se a um conjunto de dispositivos e saberes que visam a desmontagem das máquinas cerceadoras ou aceleradoras do desejo, para a produção de novas linhas de fugas e circuitos desejantes, nos quais hajam processos de potencialização e construção de novos possíveis, enfim nossa Utopia ativa. Para finalizar, na tabela 1 cartografamos as principais características de cada máquina social e sua gestão desejante.

	Estado	Capitalismo	Fascismos	Esquizodrama
Máquina Abstrata	Aparelho de captura	Axiomática do capital	Axiom. do capital (auto)abolicionista	Linhas de fuga, CxSxOx
Vetor de forças	Centrípeto	ressonância	Propagação, imunização	Centrífugo
Processo	Codificação, colonização	Aceleração, modulação	(Auto)destruição, Aceleração	Intensificação, criação
Diagrama	Captura, soberania	Rendimento	Rendimento, anti-produção	Autonomia
Sistema	Estabilização	Crise	Hiper-territorialização	Transdução, multiplicação
Forças	Reativas	Reativa-ativa	Reativas	Ativas
Movimento	Instituído	Instituído-empendedor	Instituído	Instituinte
O desejo é: é:	Formatado, canalizado	Incitado, liga-se à aceleração	Destrutivo, abolicionista	Livre, de vida

Tabela 1: Características das distintas máquinas sociais.

Referências Bibliográficas

BAREMBLITT, Gregorio. Introdução à esquizoanálise. Belo Horizonte: Editora Instituto Félix Guattari, 1988.

_____. Presentación del esquizodrama. Teoría y crítica de la Psicología. nº 4, 2014, p. 7-23. Disponível em [<http://www.teocripsi.com/ojs/index.php/TCP/article/view/54>]. Acesso em 8 ago.2020.

_____. Esquizodrama: 10 proposições descartáveis. Belo Horizonte: Editora Instituto Gregorio Baremlitt, 2019.

_____; AMORIM, Margarete & HUR, Domenico. Esquizodrama: teoria, métodos, técnicas - clínicas. Belo Horizonte: Editora Instituto Gregorio Baremlitt, 2020.

DELEUZE, Gilles. Nietzsche e a filosofia [1962]. Rio de Janeiro: Rio - Sociedade Cultural, 1976.

_____. Foucault [1986]. São Paulo: Brasiliense, 1988.

_____. Quatro proposições sobre a psicanálise [1973]. Saúdeloucura 2. São Paulo: Hucitec, 1990, p. 83-92.

_____. Derrames II: Aparatos de Estado y axiomática capitalista [1979]. Buenos Aires: Cactus editorial, 2017.

_____. Diferença e Repetição [1968]. São Paulo: Brasiliense, 2006.

_____; GUATTARI, Félix. Capitalismo e Esquizofrenia: O Anti-Édipo [1972]. São Paulo, Ed. 34, 2010.

_____; GUATTARI, Félix. Kafka: por uma literatura menor [1975]. Rio de Janeiro: Imago, 1977.

_____ ; GUATTARI, Félix. Mil Platôs: Capitalismo e Esquizofrenia [1980], Vols. 1 a 5. São Paulo: Ed. 34, 1995.

_____. & PARNET, Claire. Diálogos [1977]. Valencia: Pre-textos, 2004.

FOUCAULT, Michel. Vigiar e Punir [1975]. Petrópolis: Vozes, 1984.

HUR, Domenico Uhng. O dispositivo de grupo na Esquizoanálise: Tetravalência e Esquizodrama. Vínculo. nº 9 vol. 1, 2012, p. 18-26. Disponível em [<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/vinculo/v9n1/a04.pdf>]. Acesso em 8 ago.2020.

_____. Trajetórias de um pensador nômade: Gregório Baremlitt. Estudos e pesquisas em psicologia, n. 14 vol. 3, 2014, p. 1021-1038. Disponível em [<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/epp/v14n3/v14n3a18.pdf>]. Acesso em 8 ago.2020.

_____. Axiomática do capital e instituições: abstratas, concretas e imateriais. Polis e Psique, n. 5 vol. 3, 2015, 156-178. Disponível em [<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/rpps/v5n3/n5a10.pdf>]. Acesso em 8 ago.2020.

_____. *Psicologia, Política e Esquizoanálise*. Campinas: Alínea, 2018.

LAZZARATO, Maurizio. *La fábrica del hombre endeudado: ensayo sobre la condición neoliberal*. Buenos Aires: Amorrortu, 2013.

_____. *Fascismo ou revolução? O neoliberalismo em chave estratégica*. São Paulo: n – 1, 2019.